

Obras de Gabriel García Márquez nesta coleção

O AMOR NOS TEMPOS DE CÓLERA

CEM ANOS DE SOLIDÃO

O GENERAL NO SEU LABIRINTO

DOZE CONTOS PEREGRINOS

O OUTONO DO PATRIARCA

DO AMOR E OUTROS DEMÓNIOS

CRÓNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA

NOTÍCIA DE UM SEQUESTRO

A AVENTURA DE MIGUEL LITTÍN
CLANDESTINO NO CHILE

VIVER PARA CONTÁ-LA

MEMÓRIA DAS MINHAS PUTAS TRISTES

O AROMA DA GOIABA
com Plínio Apuleyo Mendoza

NINGUÉM ESCREVE AO CORONEL

OLHOS DE CÃO AZUL

A REVOADA

A HORA MÁ: O VENENO DA MADRUGADA

OS FUNERAIS DA MAMÃ GRANDE

A INCRÍVEL E TRISTE HISTÓRIA DA CÂNDIDA ERÉNDIRA
E DA SUA AVÓ DESALMADA

RELATO DE UM NÁUFRAGO

CONTOS COMPLETOS (1947 - 1992)

EU NÃO VENHO FAZER UM DISCURSO

EM VIAGEM PELA EUROPA DE LESTE

Edições especiais, com ilustrações de Carme Solé Vendrell

MARIA DOS PRAZERES

O FELIZ VERÃO DA SENHORA FORBES

A LUZ É COMO A ÁGUA

A SESTA DE TERÇA-FEIRA

A ÚLTIMA VIAGEM DO NAVIO FANTASMA

UM SENHOR MUITO VELHO COM UMAS ASAS ENORMES

Em Viagem pela Europa de Leste é a crónica testemunhal da viagem que o jovem Gabriel García Márquez realiza pelos países socialistas nos anos de 1950. Nas suas páginas o leitor encontrará, a par das observações dos companheiros de viagem, uma análise perspicaz e não isenta de ironia dos acontecimentos sociais e políticos de uma época.

A sua viagem pelo enclave comunista inicia-se na Alemanha Oriental e prossegue pela Checoslováquia, pela Polónia, pela Hungria e pela antiga União Soviética. Ali tentará desvendar a verdadeira face do comunismo idealizado por Lenine: um regime kafkiano que quase não é questionado por um povo assustado que parece resignar-se ao seu destino.

Escrito e publicado em fascículos na mesma época que o lendário *Relato de Um Náufrago*, esta reportagem é outro exemplo inestimável de árduo trabalho de investigação, rigor histórico e fidelidade aos factos narrados, todos eles pilares do jornalismo de qualidade. Com a sua indiscutível mestria literária, Gabriel García Márquez demonstra uma vez mais a sua vocação mais profunda: o prazer de contar uma boa história.



Gabriel García Márquez

Em Viagem pela Europa de Leste



PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

Gabriel García Márquez

Em Viagem pela Europa de Leste

«Eu não queria conhecer uma União Soviética penteada para receber uma visita. Aos países, como às mulheres, há que conhecê-los acabados de sair da cama.»

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ



Gabriel García Márquez nasceu a 6 de março de 1927, em Aracataca, Colômbia, e faleceu a 17 de abril de 2014, na Cidade do México. Considerado o pai do realismo mágico latino-americano, foi essencial para o reconhecimento da literatura americana em língua castelhana no resto do mundo, principalmente depois da atribuição do Prémio Nobel de Literatura, em 1982. O caráter universal da sua obra coloca-o entre os maiores escritores de sempre. É autor de uma vasta bibliografia que a Dom Quixote tem vindo a publicar regularmente, incluindo o primeiro volume da autobiografia *Viver para Contá-la*, *O Aroma da Goiaba* (conversas com Plínio Apuleyo Mendoza) e a reedição de *Olhos de Cão Azul*, com três contos inéditos em Portugal.

Gabriel García Márquez
◊
EM VIAGEM
PELA EUROPA DE LESTE

Tradução de
J. Teixeira de Aguiar

2.^a edição





Título: *Em Viagem pela Europa de Leste*
Título original: *De viaje por Europa del Este*
© Gabriel García Márquez, 1957, e Herdeiros de Gabriel García Márquez
© Publicações Dom Quixote, 2017
Edição: Cecília Andrade
Revisão: Susana Baeta

Este livro foi composto em Rongel,
fonte tipográfica desenhada por Mário Feliciano
Capa: Rui Garrido
Imagem de capa: © Shutterstock / Everett Historical
Paginação: Leya S. A.
Impressão e acabamento: Multitipo

1.ª edição: janeiro de 2017
2.ª edição: fevereiro de 2017
Depósito legal n.º 421 585/17
ISBN: 978-972-20-6180-3
Reservados todos os direitos

Publicações Dom Quixote
Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide • Portugal
www.dquixote.pt
www.leya.com

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

A «cortina de ferro» é um pau pintado
de vermelho e branco 7

Berlim é um disparate 21

Os expropriados reúnem-se para contar
as suas penas uns aos outros... 35

Para uma checa, as meias de náilon são
uma joia 51

As pessoas reagem em Praga como
em qualquer país capitalista 65

Com os olhos abertos sobre
a Polónia em ebulição 81

URSS: 22 400 000 quilómetros
quadrados sem um único anúncio
da Coca-Cola 113

Moscovo: a maior aldeia do mundo 129

No Mausoléu da Praça Vermelha,
Estaline dorme sem remorsos 147

O homem soviético começa a cansar-se
dos contrastes 167

«Eu visitei a Hungria» 179

∞

A «CORTINA DE FERRO»
É UM PAU PINTADO DE VERMELHO E BRANCO

A «CORTINA DE FERRO» NÃO É UMA CORTINA NEM É DE ferro. É uma barreira de pau pintada de vermelho e branco como os anúncios das barbearias. Depois de ter permanecido três meses dentro dela, apercebo-me de que era uma falta de senso comum esperar que a «cortina de ferro» fosse realmente uma cortina de ferro. Doze anos de propaganda tenaz, porém, têm mais força de convicção do que todo o sistema filosófico. Vinte e quatro horas diárias de literatura jornalística acabam por derrotar o senso comum até ao extremo de a pessoa tomar as metáforas à letra.

Éramos três à aventura. Jacqueline, francesa de origem indochinesa, paginadora numa revista de Paris. Um italiano errante, Franco, correspondente ocasional de revistas milanesas, domiciliado onde a noite o surpreenda. O terceiro era eu, segundo está escrito no meu passaporte.

As coisas começaram num café de Frankfurt, no dia 18 de junho às dez da manhã. Franco tinha comprado para o verão um automóvel francês e não sabia o que fazer com ele, de maneira que nos propôs «ir ver o que há atrás da “cortina de ferro”». O tempo – uma tardia manhã de primavera – era excelente para viajar.

A polícia de Frankfurt ignorava todos os trâmites para passar para a Alemanha Oriental de automóvel. Os dois países não têm relações diplomáticas nem comerciais. Todas as noites parte um comboio para Berlim por um corredor ferroviário no qual não se exigem mais requisitos do que um passaporte em ordem. Porém, esse corredor é um túnel noturno que principia em Frankfurt e termina em Berlim Oeste, uma minúscula ilha ocidental rodeada de oriente por todos os lados.

A estrada é o único meio de penetrar realmente na «cortina de ferro». As autoridades fronteiriças, contudo, são tão rigorosas que aparentemente não valia a pena arriscar a aventura sem um visto formal e com um automóvel de matrícula francesa. O cônsul da Colômbia em Frankfurt é um homem prudente. «É preciso ter cuidado», disse-nos ele, com o seu cauteloso espanhol de Popayán. «Imaginem vocês, tudo aquilo em poder dos russos.» Os alemães foram mais explícitos. Advertiram-nos de que,

no caso de conseguirmos passar, seriam confiscadas as câmaras fotográficas, os relógios e todos os objetos de valor. Preveniram-nos de que levássemos comida e gasolina suplementar para não estacionar nos 600 quilómetros que vão da fronteira até Berlim e que em qualquer caso corríamos o risco de ser metralhados pelos russos.

Não restava outro recurso senão o acaso. Perante a ameaça de uma nova noite em Frankfurt com outro filme alemão em alemão, Franco decidiu a viagem atirando uma moeda ao ar. Saiu coroa.

– OK – disse ele. – Na fronteira fazemo-nos de doidos.

As duas Alemanhas são entrecruzadas pela magnífica rede de autoestradas que Hitler construiu para mobilizar a sua potente máquina de guerra. Foi uma faca de dois gumes, uma vez que facilitou a invasão dos aliados. Contudo foi também uma formidável herança para a paz. Um automóvel como o nosso pode percorrer por dia uma média de 80 quilómetros. Nós fizemos 100 com o intuito de chegar à «cortina de ferro» antes do anoitecer.

Às oito atravessámos a última aldeia do mundo ocidental, cujos habitantes, em particular as crianças, nos dirigiram à passagem uma saudação cordial e desconcertada. Algumas delas nunca tinham visto na vida um automóvel francês. Dez minutos depois, um militar alemão,

igualzinho aos nazis dos filmes não só pelo queixo quadrado e pelo uniforme cheio de insígnias, mas também pelo sotaque do seu inglês, examinou os passaportes de uma maneira completamente formal. Depois dirigiu-nos uma saudação castrense e autorizou-nos a atravessar a zona de ninguém, os 800 metros em branco que separam os dois mundos. Não havia ali campos de tortura nem os famosos quilómetros e quilómetros e quilómetros de arame farpado eletrificado. O sol do entardecer amadurecia sobre uma terra por cultivar, ainda despedaçada pelas botas e pelas armas como no dia seguinte à guerra. A cortina de ferro era aquilo.

Na fronteira estavam a comer. O soldado de serviço, um adolescente enfiado num uniforme pobre e sujo, um pouco grande demais para ele, assim como as botas e a pistola-metralhadora, fez-nos sinal para estacionarmos até o pessoal da alfândega acabar de comer.

Esperámos mais de uma hora. Já era de noite, mas as luzes continuavam apagadas. Do outro lado da estrada ficava a estação de caminho de ferro, um poeirento edifício de madeira com as janelas e as portas fechadas. A escuridão sem ruídos exalava um bafo de comida quente.

– Os comunistas também comem – disse eu, para não perder o humor. Franco dormitava em cima do volante.

– Sim – respondeu ele. – Apesar do que a propaganda ocidental diz.

Um pouco antes das dez, as luzes acenderam-se, e o soldado de serviço fez-nos aproximar do candeeiro para examinar os passaportes. Examinou cada página com a atenção ao mesmo tempo aturdida e astuta de quem não sabe ler nem escrever. Depois levantou a barreira e indicou-nos que estacionássemos dez metros mais adiante, defronte de um edifício de madeira com telhado de zinco, parecido com os salões de baile dos filmes de *cowboys*. Um guarda desarmado, da mesma idade que o anterior, conduziu-nos a uma portinhola onde nos esperavam outros dois rapazes fardados, mais aturdidos que duros, mas sem o menor assomo de cordialidade. Eu estava surpreendido por aquele grande portão do mundo oriental estar guardado por adolescentes inábeis e meio analfabetos.

Os dois soldados serviram-se de uma pena de madeira e de um tinteiro com tampa de cortiça para copiar os dados dos nossos passaportes. Foi uma operação laboriosa. Um deles ditava. O outro copiava os sons franceses, italianos, espanhóis, com umas garatujas rudimentares de escola rural. Tinha os dedos besuntados de tinta. Todos suávamos. Eles por causa do esforço. Nós

por causa do esforço deles. A nossa paciência aguentou até ao desgraçado instante de ditar e escrever a minha naturalidade: «Aracataca.»

Na portinhola seguinte declarámos o nosso dinheiro. Porém a mudança de portinhola foi uma questão de fórmula: a operação foi executada pelos mesmos guardas da primeira portinhola. Por último – numa terceira portinhola – tivemos de preencher por sinais um questionário em alemão e russo com todos os pormenores do automóvel. Após meia hora de gestos extravagantes, de gritos e maldições em cinco idiomas, apercebemo-nos de que estávamos enredados num sofisma económico. Os direitos do automóvel custavam vinte marcos orientais. Os bancos da Alemanha Ocidental dão quatro marcos ocidentais por um dólar. Os bancos da Alemanha Oriental, também por um dólar, dão apenas dois marcos orientais. Contudo, o marco ocidental e o marco oriental têm paridade. O problema consistia em que, se pagássemos em dólares, os direitos do automóvel custavam dez dólares, mas se pagássemos em marcos ocidentais só custavam vinte marcos ocidentais, quer dizer, apenas cinco dólares.

Por esta altura – exasperados e mortos de fome – julgávamos ter passado todos os filtros da «cortina de ferro»,

quando apareceu o diretor da alfândega. Era um homem rústico de formas e maneiras, vestido com umas calças de brim sujo de quarenta centímetros de bainha e um coçado casaco de fazenda cujos deformados bolsos pareciam cheios de papéis e migalhas de pão. Dirigiu-se-nos em alemão. Compreendemos que devíamos segui-lo. Saímos para a estrada deserta iluminada apenas pelas primeiras estrelas, atravessámos os carris, demos a volta por detrás da estação de caminho de ferro e penetrámos num longo corredor a cheirar a alimentos acabados de consumir, com as cadeiras amontoadas em cima de mesinhas para quatro pessoas. À porta havia um guarda armado de pistola-metralhadora junto a uma mesa com livros de marxismo e propaganda política em exibição. Franco e eu caminhávamos com o diretor. Jacqueline seguia-nos a poucos metros arrastando os saltos nas sonoras tábuas do pavimento. O diretor parou e ordenou-lhe com um gesto brutal que viesse para o nosso lado. Ela obedeceu e seguimos os quatro em silêncio através de um labirinto de corredores desertos até à última porta do fundo.

Entrámos numa divisão quadrada, com uma secretária junto a uma caixa-forte, quatro cadeiras à volta de uma mesinha com folhetos de propaganda política e um jarro, e uma cama contra a parede. No muro, por cima

da cama, um retrato do secretário do Partido Comunista da Alemanha Oriental, recortado de uma revista. O diretor sentou-se à secretária com os passaportes. Nós ocupámos as cadeiras. Eu lembrava-me das aldeias da Colômbia, dos tribunais rurais onde não se faz nada durante o dia mas que de noite servem para os encontros amorosos combinados no cinema. Jacqueline parecia impressionada.

Não posso precisar quanto tempo permanecemos naquela sala. Um após outro, tivemos de responder ao mesmo interrogatório formulado em alemão pelo funcionário mais bronco que hei de recordar na vida. Ao princípio foi brutal. Explicámos-lhe por todos os meios que não éramos espiões capitalistas e que só aspirávamos a dar uma volta pela Alemanha Oriental. Eu tinha a impressão de que ele pensava num alemão blindado, contra o qual as palavras inglesas, francesas, italianas, espanholas, e até os gestos mais expressivos, faziam ricochete. Aquele diálogo de doidos exasperou-o. Sublevou-se contra ele e depois contra a sua própria ineficácia quando teve de rasgar três vezes os vistos inutilizados pelos borrões e pelas emendas.

Na vez de Jacqueline, a atmosfera tornou-se menos dura porque o diretor se sentiu tardiamente interessado

pelos seus traços indochineses. Explicou-nos por gestos que ela podia encontrar na viagem «um amor de cabelos loiros e olhos azuis» e em prova da sua admiração pessoal concedeu-lhe um visto gratuito. Quando abandonámos o gabinete encontrávamo-nos no limite da fadiga e da exasperação, mas ainda tivemos de perder mais meia hora porque o diretor tentava explicar-me por sinais, com bocados de alemão e de inglês, uma frase que por fim conseguimos perceber literalmente: «O sol da liberdade brilhará na Colômbia.»

Jacqueline, que era a mais desperta, tomou conta do volante, e Franco sentou-se ao seu lado para evitar que ela adormecesse. Era quase uma hora. Eu estendi-me no assento traseiro e adormeci com o rumor dos pneus que deslizavam suavemente sobre a autoestrada lisa, brilhante, absolutamente deserta. Quando acordei começava a amanhecer. Em sentido contrário ao nosso passavam veículos enormes e vagarosos, cujos faróis com viseiras orientados para baixo mal se conseguiam distinguir às primeiras luzes da madrugada. Não logrei definir as formas do interminável comboio.

– O que é aquilo? – perguntei.

– Não sabemos – respondeu Jacqueline, tensa ao volante. – Têm estado toda a noite a passar.

Só a partir das quatro, quando a esplêndida manhã de verão explodiu sobre as imensas planícies por cultivar, nos apercebemos de que eram camiões militares russos. Passavam a intervalos de meia hora em comboios de vinte e trinta unidades, seguidos por alguns automóveis de fabrico russo, sem matrícula. Em certos camiões seguiam soldados sem armas. A maioria deles, porém, estavam cobertos com tela impermeável de cor militar.

A solidão da autoestrada era mais apreciável pelo contraste com a Alemanha Ocidental, onde é preciso abrir caminho por entre os automóveis americanos de último modelo. A poucos quilómetros de Heidelberg fica o quartel-general do exército americano, com um cemitério de automóveis de mais de 3000 metros de ambos os lados da estrada. Em contrapartida, na Alemanha Oriental a pessoa tem a impressão de se ter enganado no caminho e de viajar por uma autoestrada que não conduz a lado algum. As vedações são a única coisa que dissipa um pouco a ideia de solidão. Em lugar dos anúncios publicitários das estradas ocidentais, ali há gigantescas caricaturas do presidente Adenauer com corpo de polvo a espremer o proletariado com os seus tentáculos. Todas as metáforas da literatura de choque do comunismo resolvidas em pinceladas grosseiras e com cores apelativas, mas

com o presidente Adenauer como representante único e executor absoluto das atrocidades capitalistas.

O nosso primeiro contacto com o proletariado do mundo oriental apresentou-se de uma maneira imprevisível. Às oito da manhã encontrámos uma bomba de gasolina à beira da autoestrada com um letreiro de néon ainda aceso: «Mitropa.» É o distintivo dos restaurantes do Estado. Franco encheu os depósitos. Depois fizemos um balanço dos nossos marcos e decidimos correr o risco de uma nova cena de doidos para tomar o pequeno-almoço.

Nunca esquecerei a entrada naquele restaurante. Foi como dar de caras com uma realidade para a qual não estava preparado. Certa vez meti-me sem preparação num beco de Nápoles no momento em que arriavam pela janela dum terceiro andar um caixão amarrado com cordas, enquanto cá em baixo, na ruela atestada de crianças e mendigos e carrinhos com porcos esquartejados, a multidão tratava de dominar a mulher do morto, que rasgava os vestidos, arrancava os cabelos e se revolia no chão soltando gritos. A impressão do restaurante foi diferente, mas igualmente intensa; eu nunca tinha visto tanto patetismo concentrado no ato mais simples da vida quotidiana, o pequeno-almoço. Uma centena

de homens e mulheres de rostos atormentados, maltrapilhos, a comer em abundância batatas e carne e ovos estrelados no meio de um surdo rumor humano e num salão cheio de fumo.

A nossa entrada pôs termo ao murmúrio. Eu, que tenho muito pouca consciência dos meus bigodes e do meu casaco vermelho de quadrados pretos, atribuí aquela suspensão ao tipo exótico de Jacqueline. Através daquele silêncio, sentindo na pele uma centena de olhares furtivos, caminhámos até à única mesa livre situada junto a uma desbotada máquina de tocar discos de meio marco a peça. O repertório era-nos familiar: mambos de Pérez Prado, boleros de Los Panchos e, sobretudo, discos de jazz.

Uma criada fardada de branco serviu-nos pão e um café negro com um intenso sabor de chicória, mas evidentemente – relativamente ao salário médio de França – muito mais barato do que em Paris e, conforme pudemos verificar mais tarde relativamente aos salários da Alemanha Oriental, muito mais barato do que em qualquer país da Europa. Na altura de pagar, como os marcos orientais não chegaram, a empregada aceitou um marco ocidental e fez-nos assinar num papel vulgar o recibo do câmbio.

Franco examinava a clientela com uma expressão deprimida. Há instantes da sensibilidade que não se podem reconstituir e explicar. Aquela gente estava a tomar o pequeno-almoço com as coisas que constituem um almoço normal no resto da Europa e compradas a um preço mais baixo. Mas era gente estragada, amargurada, que consumia sem nenhum entusiasmo uma esplêndida dose matinal de carne e ovos estrelados.

Franco bebeu o último gole de café e apalpou as coxas à procura dos cigarros. Mas não os encontrou. Nessa altura pôs-se de pé de uma maneira ostensiva, dirigiu-se ao grupo mais próximo e pediu por gestos um cigarro. Eu mal consegui aperceber-me de que os homens das mesas vizinhas se precipitaram sobre nós com caixas de fósforos, cigarros avulsos e maços por abrir, numa alvoroçada manifestação de generosidade coletiva. Um momento depois, esparramada no assento traseiro do automóvel que voava em direção a Berlim, Jacqueline fez o único comentário que eu considerava justo naquele instante:

– Pobre gente.

